

Joséphine Baker



Por **WALNICE NOGUEIRA GALVÃO**

Considerações sobre a trajetória artística e política da cantora e atriz

Em lance inusitado, Joséphine Baker (1906-1975) vem de ser conduzida triunfalmente ao *Panthéon* de Paris, onde mulheres não entram, nem negros, nem muito menos vedetes de teatro de revista. Na Era do Jazz, a década de 1920 também chamada de *lès années folles*, Joséphine saracoteava no charleston, tendo apenas uma tanga de bananas ao redor das ancas. Cheia de verve e malícia, era meio caricatural, zombando das instituições e criticando as convenções burguesas.

Como é então que foi parar no *Panthéon*? Onde pessoas como essas não são bem-vindas? E mulheres então, apenas uma meia-dúzia até hoje?

Dentre as poucas mulheres, duas são universalmente conhecidas. A primeira, a cientista Marie Curie, descobridora do elemento rádio que originou o Raio X de infinitas vantagens medicinais, polonesa naturalizada francesa, ganhou não só um mas dois prêmios Nobel de Ciências, o de Física e o de Química. Quanto a Simone Veil, sobrevivente de Auschwitz, foi a Ministra da Saúde que descriminalizou o aborto na França e seria depois a primeira presidente do recém-criado Parlamento da União Europeia. É nessa ilustre companhia que Joséphine agora repousa.

Entre seus feitos, que são numerosos, contam-se os doze filhos adotivos, de muitas cores, muitas nacionalidades e muitas religiões. Criou-os no castelo de Milandes (Dordogne), que comprou depois de se tornar uma das maiores estrelas do mundo. Chamou-os de "Tribo Arco-íris": dizia que serviriam de exemplo para a fraternidade entre os seres humanos, numa demonstração de que, apesar de serem todos diferentes, viviam naturalmente em paz. Agora correu uma petição na França reivindicando sua entrada no *Panthéon*, encabeçada por um dos doze e subscrita por cerca de 40 mil pessoas.

Joséphine era norte-americana. Nasceu em St-Louis, Missouri, estado do Sul, região onde a ignomínia do tratamento dado aos negros era sem par. Ao tempo das "Leis Jim Crow", a segregação era total e negros podiam ser linchados ao menor pretexto, ou mesmo sem qualquer pretexto. Fugindo ao racismo, aos 19 anos baixa em Paris, e ali inicia sua vida de artista profissional. Há alguns filmes que restaram, entre mudos e falados, nos quais se requebra e dança, inclusive com a famigerada tanga de bananas. Também gravou discos, sendo possível ouvir sua voz em clássicos do cancionário francês como "*La vie en rose*", "*Sous lès toits de Paris*", "*Clopin-clopant*". Foi estrela incontestada do mais renomado cabaré do mundo, em funcionamento até hoje, o *Folies Bergère*.

Como na França a negritude era mais tolerada, esse foi o motivo de Joséphine desenvolver lá sua carreira, como também o fizeram o grande jazzista Sidney Bechet; ou Paul Robeson, ator e cantor, cujo legado é uma magistral interpretação de "*Ol' manriver*" em sua bela voz de baixo; ou Nina Simone, cantora de jazz de alto nível. Joséphine apaixonou-se por sua terra de acolhimento e acabaria por naturalizar-se francesa. É inesquecível sua interpretação mais famosa, aquela pela qual viria a ser identificada: "*J'ai deux amours: mon pays et Paris*". É sua declaração de amor à cidade que a adotara, permitindo-lhe desenvolver seus talentos em paz, sem persegui-la pela cor de sua pele.

Pelos extraordinários serviços prestados ao país durante a Segunda Guerra, recebeu as mais altas condecorações que a França concede: a Croix de Guerre, a *Légion d'Honneur*, a Medalha da Resistência. E ganhou uma patente militar com direito ao usoda farda - como a vemos em tantas fotos. Persistiu na militância anti-racista, viajando para discursar na Marcha Sobre Washington presidida por Martin Luther King, ponto alto da campanha pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Visitaria Hanoi sob bombardeio norte-americano, para prestar solidariedade aos vietnamitas durante a

Guerra do Vietnã.

Já lhe foi dedicado um filme americano de ficção para TV, intitulado *The Josephine Baker story* (1991), em que sua vida é romanceada. Agora, por motivo de sua entrada no *Panthéon*, a TV 5 Monde anda exibindo um documentário de duas horas, com preciosas imagens de arquivo e o belo título sugestivo de *Joséphine Baker - La fleur au fusil*. Boa oportunidade para revisitar uma grande artista, uma grande mulher.

***Walnice Nogueira Galvão** é Professora Emérita da FFLCH da USP. Autora, entre outros livros, de *Lendo e relendo* (Senac/Ouro sobre azul).

A Terra é Redonda